

VIDA APÓS A MORTE

DAMIEN ECHOLS

Tradução de
Marcello Lino



para Lorri

Em silêncio fico sentado
E homens andam de um lado para outro na cela
Como leopardos

Roendo as unhas
Com o cenho franzido
A cena fala por si só

— DAMIEN ECHOLS, UNIDADE DE SEGURANÇA
SUPERMÁXIMA DE VARNER, GRADY, ARKANSAS

Nota do autor

O que você está prestes a ler é o resultado de muitas coisas que escrevi nos últimos vinte anos, inclusive partes de um breve livro de memórias publicado de maneira independente em 2005. Fui mandado para o Corredor da Morte em 1994 e lá comecei a escrever um diário quase imediatamente. Não datei a maioria das anotações; era doloroso demais ver os dias, meses e anos passando, a realidade fora do meu alcance. Muitos dos meus diários se perderam, foram roubados ou destruídos quando os guardas faziam incursões nas celas — qualquer coisa pessoal ou criativa é alvo preferencial em uma revista. Incluí o máximo possível do que sobrou e espero que o tema ou o contexto desses registros sejam úteis para situar alguns deles. Outros não precisam de marca temporal. As condições do sistema penitenciário que descrevi — tristeza, horror e o completo absurdo ao qual vi vários seres humanos serem submetidos — não terão mudado quando você estiver com este livro nas mãos.

Prefácio

“São Raimundo Nonato, nunca se ouviu falar de alguém que implorou a vossa ajuda ou buscou a vossa intervenção e não foi atendido. A vós recorro, perante vós me coloco. Não desprezeis minhas súplicas, mas, em vossa misericórdia, ouvi e respondi-me.”

São Raimundo Nonato é um dos meus padroeiros. Eu estaria disposto a apostar que a maioria das pessoas não faz ideia de que ele é o padroeiro dos acusados injustamente. Gosto de pensar que isso significa que tenho um lugar especial em seu coração, pois é difícil ter acusação mais injusta do que a que me fizeram. Por isso eu e o velho Raimundo chegamos a um acordo. Se ele me ajudar a sair desta situação, viajarei a todas as maiores catedrais do mundo e deixarei rosas e chocolates aos pés de todas as estátuas dele que eu encontrar. Você não sabia que santos gostam de chocolate? Então já aprendeu alguma coisa. E estamos apenas no começo!

Ao todo, tenho três padroeiros. Você deve estar se perguntando quem são os outros dois e como um pecador desbocado como eu foi abençoado com não apenas um, mas três santos protetores. O segundo é São Dimas, o padroeiro dos prisioneiros. Até agora ele fez seu trabalho e me protegeu. Não tenho do que reclamar. Então qual é o meu acordo com São Dimas?

Basta fazer a minha parte e ir à missa toda semana na capela da prisão, a menos que tenha uma razão muito boa para faltar.

Meu terceiro padroeiro é um santo com o qual tive bons motivos para conversar em vários momentos de minha vida. São Judas Tadeu, padroeiro das causas desesperadas. Eu diria que estar no Corredor da Morte por algo que não fiz é uma situação bastante desesperadora. E o que São Judas recebe em troca? Ele gosta só de ver os apuros ridículos em que me enfiarei em seguida.

Se eu começar a acreditar que as coisas que escrevo não podem se sustentar sozinhas, largarei minha caneta. Sou constantemente atormentado pela ideia de que os outros só pensam em mim como alguém que está, ou esteve, no Corredor da Morte. Fico aborrecido de imaginar as pessoas lendo minhas palavras por curiosidade mórbida. Quero que leiam o que escrevo porque isto tem um significado para elas — seja por fazê-las rir ou por lembrá-las de coisas esquecidas que em algum momento tiveram importância para elas, ou simplesmente por comovê-las de algum modo. Não quero ser uma bizarrice, uma aberração ou algo que desperta curiosidade. Não quero ser o acidente de carro que todos param para olhar.

Se alguém começar a ler porque deseja ver a vida a partir de uma perspectiva diferente, ficarei satisfeito. Se lerem para saber como é a vida pelo meu ponto de vista, fico feliz. São os sanguessugas que me deixam doente e incomodado — os que não dão a mínima para mim e só se interessam por coisas como prisioneiros no Corredor da Morte. Essas pessoas exalam o cheiro de abutres, e há algo de insalubre nelas. Chafurdam na depressão, e suas vidas geralmente caminham para a decadência. Seus espíritos quase sempre parecem estar mortos, como larvas que consomem o cadáver de um animal atropelado na estrada em um dia de verão. Não quero ter nada a ver com essa energia. Quero criar algo com uma beleza duradoura, e não um grotesco circo de horrores.

Escrever estas histórias também é uma catarse para mim. Um expurgo. Como um homem poderia passar pelas coisas a que fui submetido e não se sentir assombrado? Não podemos mandar um soldado para o Vietnã e esperar que ele não tenha flashbacks, não é? Este é o único meio de remover o trauma de minha psique. Não tenho acesso a sessões de terapia de cem dólares a hora. Não preciso de Freud e suas teorias edipianas; basta me dar papel e caneta.

Neste lugar, testemunhei coisas que me fizeram rir e outras que me fizeram chorar. O ambiente em que vivo é tão distorcido que incidentes que se tornariam lendas lá fora são esquecidos no dia seguinte aqui. Coisas que seriam manchete de jornal no mundo exterior não merecem mais do que um olhar fugidio atrás destes muros imundos. Quando cheguei à Unidade de Segurança Máxima de Tucker, localizada em Tucker, Arkansas, em 1994, fiquei atordoado. No entanto, depois de ficar preso por mais de dez anos, tornei-me um “velho detento”, e as imagens já não me impressionam tanto. Ao acrescentar “detento” a outra palavra, nós a redefinimos. “Velho detento” pode significar qualquer pessoa com trinta anos ou mais. “Detento rico” quer dizer um homem que tem cem dólares ou mais. Lá fora, um homem de trinta anos com cem dólares não seria considerado velho nem rico — mas aqui a história é outra.

Na noite em que cheguei ao Corredor da Morte, fui colocado em uma cela entre os dois canalhas velhos mais detestáveis da face da Terra. Um se chamava Jonas; o outro, Albert. Ambos estavam com quase sessenta anos e, fisicamente, já haviam visto dias melhores. Jonas tinha uma perna. Albert contava com um olho. Ambos eram obesos mórbidos, e suas vozes soavam como a de alguém que se alimenta do conteúdo de um cinzeiro. Esses dois homens se odiavam profundamente e um desejava a morte do outro.

Não fazia muito tempo que eu estava aqui quando o sujeito que varre o chão parou e me entregou um bilhete. Ele olhava para mim de um modo

bem estranho, como se fosse dizer algo, mas tivesse mudado de ideia. Entendi seu comportamento após abrir o bilhete e começar a leitura. Estava assinado por “Lisa” e detalhava todas as maneiras como “ela” faria de mim uma amiga maravilhosa, incluindo seu repertório sexual. Aquilo me intrigou, pois eu estava preso em uma unidade exclusivamente masculina e não tinha visto ninguém que parecesse se chamar Lisa. Havia uma pequena anotação no fim que dizia: “P.S. — Por favor, mande-me um cigarro.” Joguei o bilhete na frente da cela de Albert e falei:

— Leia e me diga se você sabe quem é.

Depois de menos de um minuto, ouvi uma explosão de palavrões antes de Albert anunciar:

— É daquela puta velha, o Jonas. Aquele safado faz qualquer coisa por um cigarro.

Então, Lisa se revelou um homem obeso e pernetado de 56 anos. Estremeci de nojo.

E era verdade que Jonas, de fato, fazia qualquer coisa por um cigarro. Estava totalmente duro e não tinha família nem amigos para lhe mandar dinheiro; portanto, sua única opção era lançar mão de artimanhas para satisfazer seus vícios. Ele era muito perturbado e acho que também gostava do masoquismo que havia em tudo aquilo. Por exemplo, uma vez ele bebeu uma garrafa de meio litro de urina em troca de um único cigarro enrolado à mão. É difícil dizer quem sofreu mais: Jonas ou as pessoas que tiveram que ouvi-lo engasgar e vomitar enquanto engolia o líquido. Em outra ocasião, ficou em pé no chuveiro e enfiou uma perna de cadeira no ânus enquanto todo o pavilhão observava. Sua recompensa foi um cigarro. Nem eram cigarros de marca, mas genéricos, tabaco enrolado à mão que custava mais ou menos um centavo.

Como já mencionei, Jonas não era muito estável em termos psicológicos. Tinha a dentadura pintada de rosa e roxo fluorescentes e amassava

grafites de lápis coloridos para usar como sombras para os olhos. O pé que lhe restava era carcomido e nojento, com unhas que pareciam salgadinhos de milho. Uma de suas atividades favoritas era simular sexo oral com uma garrafa de molho de pimenta. Uma vez, ele vendeu a perna (a prótese) para outro detento, depois disse aos guardas que o sujeito a tomara à força. O outro prisioneiro se vingou pondo veneno de rato no café de Jonas. Os guardas viram que havia algo errado quando o encontraram vomitando sangue. Era o homem mais espezinhado do Corredor da Morte, odiado e desprezado por todos os detentos. Um verdadeiro príncipe do sistema penitenciário. Os homens aqui não são exatamente cavalheiros, mas Jonas se destacava até mesmo neste ambiente.

Não quero dar a impressão de que Albert era uma joia. Ele tramava e trapaceava o tempo todo. Uma vez escreveu para um apresentador de *talk-show* dizendo que revelaria onde havia escondido outros cadáveres se o homem lhe pagasse mil dólares. Condenado à morte tanto no Arkansas quanto no Mississippi, não tinha nada a perder. Quando finalmente foi executado, Albert deixou sua dentadura para mim, de lembrança. E deixou para outra pessoa seu olho de vidro.

Toda a insanidade que acontece dentro da prisão não é nada se comparada às coisas que vemos e ouvimos no pátio. Em 2003, todos os detentos no Corredor da Morte no Arkansas foram transferidos para uma nova prisão de “Segurança Supermáxima”, em Grady. Lá realmente não há pátio. O prisioneiro é retirado da cela — acorrentado, é claro — e conduzido por um corredor estreito que dá no “lado de fora”. Sem de fato sair da prisão, é trancado dentro de um cubículo de concreto minúsculo e imundo, que mais parece uma miniatura de silo para grãos. Há uma tela de arame a cerca de sessenta centímetros do topo que deixa a luz natural entrar. Dá para notar que aquela grade dá para o exterior, mas não é possível ver nada. Não há interação com outros prisioneiros e

você tem medo de respirar muito fundo e pegar algum tipo de doença. Fui até lá certa manhã e, só no meu cubículo, havia três pombos mortos e em decomposição, além de muitas fezes. O cheiro me lembra o da jaula do leão no Zoológico de Memphis, que eu visitava quando criança. Logo que você entra, precisa lutar contra a ânsia de vômito. Tentar fazer exercício é nojento.

Antes de sermos transferidos para cá, tínhamos um pátio de verdade. Ficávamos de fato ao sol, ao ar livre. Era possível caminhar e conversar com outras pessoas, e havia algumas cestas de basquete. Os homens ficavam sentados por toda parte, jogando damas, xadrez, dominó ou fazendo flexões. Alguns se juntavam nos cantos para fumar baseados comprados dos guardas.

Eu estava lá havia menos de duas semanas quando, um dia, no pátio, um preso que chamavam de “Cabeça de Gato” atraiu minha atenção. Aquele personagem repugnante ganhara esse apelido porque era exatamente isso o que ele parecia. Se você raspasse todos os pelos da cabeça de um gato vira-lata velho, veria a imagem exata daquele sujeito. O Cabeça de Gato estava sentado no chão, tomando sol e mastigando uma folha de grama que pendia do canto da boca. Olhava para o espaço como se estivesse concentrado em pensamentos profundos. Eu dava voltas no pátio e observava o cenário. Quando passei pelo Cabeça de Gato pela enésima vez, ele olhou para mim (na verdade, mais parecia que estava olhando para outro lugar, mas a cabeça se voltou na minha direção) e perguntou:

— Sabe como evitar que cinco caras o estuprem?

Fui pego de surpresa, pois nunca havia pensado muito naquela pergunta, nem imaginado que precisaria de uma resposta para ela um dia. Olhei para aquela criatura estranha esperando o desfecho daquilo que eu torcia para que fosse uma piada. Ele logo respondeu a própria pergunta:

— Aperte as nádegas e comece a morder.

VIDA APÓS A MORTE

Fiquei horrorizado. Ele falava sério e parecia achar que estava transmitindo um saber muito bem ponderado. As únicas coisas que passaram na minha mente foram: *Para que tipo de inferno me mandaram? Isso é o que chamam de conversa por aqui?* Voltei rapidamente a dar voltas no pátio e deixei que o Cabeça de Gato retornasse às suas reflexões.

A prisão é um show de horrores. O circo não faz ideia do que está perdendo. Serei o seu mestre de cerimônias nesta visita guiada por esse cantinho do inferno. Prepare-se para ficar atordoado e perplexo. Se a mão é realmente mais rápida do que o olho, você nunca descobrirá o que o atingiu. Eu sei que nunca descobri.

Um

Meu nome é Damien Echols, embora nem sempre tenha sido. Quando nasci, eu era diferente tanto no nome quanto na essência. Em 11 de dezembro de 1974, ao vir ao mundo, fui chamado de Michael Hutchison por insistência do meu pai, Joe Hutchison. Minha mãe, Pam, tinha outro nome em mente, mas meu pai não quis saber. Eles brigaram anos a fio por isso.

O hospital em que nasci ainda existe na pequena e degradada cidade de West Memphis, Arkansas. É o mesmo hospital em que minha avó materna, Francis Gosa, morreu vinte anos depois. Quando criança, eu tinha inveja de minha irmã, Michelle, que teve a sorte de nascer, dois anos depois de mim, do outro lado da ponte, em Memphis, Tennessee. Em minha juventude, Memphis sempre pareceu meu lar. Quando cruzávamos a ponte rumo ao Tennessee, eu tinha a sensação de pertencer àquele lugar e pensava que eu é que deveria ter nascido lá. Afinal de contas, minha irmã sequer se importava com sua naturalidade.

Minha mãe e avó ficaram fascinadas porque, após eu ter nascido e o médico ter dado alta para minha mãe, fui colocado em uma meia de Natal para fazer a curta viagem para casa. Elas guardaram a meia durante anos, e eu tinha de ouvir aquela história com frequência. Mais tarde, descobri

que todos os hospitais do país fazem a mesma coisa com cada bebê nascido no mês de dezembro, mas minha mãe parecia desconhecer esse fato, que marcou o começo de uma vida de negação. Depois de ser guardada por dezessete anos como se fosse uma valiosa herança familiar, ela foi deixada para trás sem cerimônia em uma mudança não muito bem planejada.

Além da meia, só uma recordação de minha infância foi guardada: um travesseiro. Minha avó o deu para mim no dia em que saí do hospital, e dormi com ele até os dezessete anos, quando também foi deixado para trás na mesma malfadada mudança. Ainda criança, eu não conseguia dormir sem aquele travesseiro, que fazia com que me sentisse em segurança. No final, já não passava de uma bola de enchimento dentro de uma fronha que rapidamente se desintegrava.

O fato de ter nascido em dezembro fez de mim uma criança invernal. Só ficava realmente feliz na época em que os dias eram curtos, as noites, longas, e eu batia os dentes de tanto frio. Adoro o inverno. Todo ano eu o desejo, anseio por sua chegada, embora sempre sinta como se ele me virasse do avesso. Sua beleza e solidão ferem meu coração e carregam consigo as lembranças de todos os invernos passados. Mesmo agora, depois de anos trancado em uma cela, com a chegada do inverno ainda consigo fechar os olhos e ter a sensação de caminhar pelas ruas enquanto todas as outras pessoas estão na cama, adormecidas. Lembro-me do som do gelo que rachava nas árvores quando o vento soprava. O ar era muito frio a ponto de arranhar minha garganta a cada inspiração, mas eu não queria entrar e perder aquela magia. Tenho duas definições para a palavra “magia”. A primeira é saber que posso realizar mudanças por vontade própria, mesmo atrás destas grades; e o outro significado é mais ligado à experiência: ver a beleza em meio ao prosaico por um momento. Em uma fração de segundo, percebo de maneira total e absoluta que o inverno é uma estação senciente, que há uma inteligência por trás dele. Há uma imensa quantidade de sofrimento

emocional que chega com sua magia, mas ainda fico de luto quando ele termina, como se estivesse perdendo meu melhor amigo.

As primeiras lembranças de verdade que tenho de minha vida são com minha avó Francis, que eu chamava de Nanny. Seu marido, Slim Gosa, havia morrido cerca de um ano antes. Lembro-me vagamente dele: apenas que dirigia um Jeep e era muito gentil comigo. Ele morreu no dia após meu aniversário. Nanny não era minha avó biológica; Slim tivera um caso com uma indígena, que deu à luz minha mãe. Como minha avó não podia ter filhos, ela criou minha mãe como se fosse sua. Meus pais, minha irmã e eu vivemos em diferentes lugares da região do delta do rio Mississippi, onde os estados de Arkansas, Tennessee e Mississippi se encontram. Depois do nascimento de minha irmã, minha mãe percebeu que não conseguiria cuidar de duas crianças. Então, Nanny e eu fomos morar em um pequeno trailer em Senatobia, Mississippi. Lembro que ele era roxo e branco e ficava no topo de um morro coberto de pinheiros. Tínhamos dois cães grandes e pretos chamados Smokey e Bear, que criamos desde filhotes. Uma de minhas lembranças mais remotas era a de ouvi-los latindo e puxando suas correntes feito loucos enquanto Nanny, em pé no quintal dos fundos com um revólver na mão, atirava em uma cobra venenosa. Ela não parou, nem mesmo enquanto a cobra serpeou para baixo do grande bujão de propano. Só anos mais tarde percebi que ela teria nos explodido e mandado direto para o inferno se tivesse atingido aquele bujão. Na época, eu era tão pequeno que observei toda a cena apenas com extrema curiosidade. Era a primeira vez que via uma cobra, e ainda tive a chance de assistir ao espetáculo adicional de minha avó atirando pela porta dos fundos, mandando bala como um matador profissional.

Ela trabalhava como caixa em uma parada de caminhões e por isso, durante o dia, me deixava em uma creche. Só me recordo do lugar porque era horrível. Lembro-me de ser deixado lá tão cedo que ainda nem havia

amanhecido e também de ser levado para um cômodo no qual outras crianças dormiam em camas dobráveis. Indicaram-me uma cama e disseram que eu deveria tirar uma soneca até que *Captain Kangaroo* (meu programa de televisão favorito) começasse. O problema era que eu não conseguia dormir sem meu travesseiro de forma alguma. Comecei a gritar e abri o berreiro, e as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Isso acordou e assustou todas as outras crianças na sala escura e, em poucos segundos, todos choravam e gritavam enquanto as funcionárias da creche corriam freneticamente de cama em cama para tentar descobrir o que estava errado. Quando elas conseguiram acalmar todo mundo e secar todas as lágrimas, já estava na hora do *Captain Kangaroo* e logo me deixei absorver pela saga do Mr. Green Jeans e de uma marionete de alce que vivia morrendo de medo de ser atingida por uma tempestade de bolas de pingue-pongue. Depois daquele dia, minha avó nunca mais se esqueceu de mandar meu travesseiro.

Ela recitava a mesma rima toda noite ao me pôr na cama:

— Boa noite, durma bem e não deixe que os percevejos mordam o neném.

Eu não fazia ideia do que era um percevejo, mas, segundo a rima, parecia bastante óbvio que eles eram capazes de infligir dor. Quando ela fechava a porta e me deixava na escuridão total, eu só conseguia pensar naqueles monstruosos insetos noturnos. Nunca formei uma imagem mental definida da aparência deles e, de certa forma, essa imprecisão só piorava meu medo. A imagem mais próxima que eu conseguia visualizar era de algo como carrapatos com olhos inquietos e um sorriso maligno. Por mais cansado que eu estivesse quando ela me colocava para dormir, a menção daqueles insetos me despertava como uma dose de sais aromáticos.

Havia mais uma coisa que Nanny costumava dizer e que me deixava de cabelos em pé. Tarde da noite, víamos televisão com todas as luzes da casa

apagadas. A única iluminação era o tremeluzir azul da tela da TV. Nanny se virava para mim e dizia:

— Que som faz um espantalho?

Meus olhos se arregalavam como caricaturas de Halloween enquanto ela olhava com uma expressão soturna e respondia:

— Uuh! Uuh!

Eu não fazia ideia do que aquilo significava, nem sabia por que um espantalho soaria como uma coruja, mas, pelo resto da vida, nunca mais dissociaria uma coisa da outra. Anos depois, essas imagens começaram a me transmitir a sensação de estar em casa e me traziam conforto. Tornaram-se símbolos do mais puro tipo de magia e me recordavam de uma época em que eu tinha segurança e era amado. Há algo nisso que nunca poderá ser expresso em palavras, mas a visão de um espantalho hoje entenece meu coração. Sinto vontade de chorar. A lembrança daqueles alegres espantalhos de outubro nas varandas dos sulistas me transporta para outro lugar. Agora, o espantalho simboliza um tipo de pureza.

De vez em quando, sentado aqui no confinamento solitário, preciso me tornar outra coisa. Preciso me transformar e obter uma nova perspectiva da realidade. Quando faço isso, tudo deve mudar: emoções, reações, corpo, consciência e padrões de energia. Voltei-me para o zen por desespero. Eu estivera no inferno, fora traumatizado e enviado para o Corredor da Morte por um crime que não cometi. Minha raiva e indignação me devoravam vivo. O ódio crescia em meu coração pela maneira como eu era tratado diariamente. Quanto mais limpo você for, maior será a luz que resplandecerá em você. Livre-se de todo o mal, e a corrente irá fluir como luz atravessando uma janela. É um processo pelo qual me forcei a passar muitas vezes. Todo dia, ao acordar, estou mais perto de uma nova

vida. Consigo sentir os anos de programações e traumas acumulados se dissolvendo e saindo do meu corpo, deixando para trás uma pureza há muito lembrada. Geralmente, tenho pelo menos uma vaga ideia do que espero realizar ou vivenciar — criar um projeto artístico, explorar outras dimensões da consciência —, mas, desta vez, estou me deixando levar às cegas para onde quer que a corrente me carregue. Sinto-me mais jovem do que na década passada, e experiências que eu esquecera muito tempo atrás estão novamente ao meu alcance.

Nos filmes, você sempre precisa ficar de olho nos outros prisioneiros. Na vida real, precisa tomar cuidado com os guardas e a administração. Eles fazem de tudo para tornar sua vida mais difícil e estressante do que já é, como se o fato de estar no Corredor da Morte não fosse suficiente. Podem mandar um homem para a prisão por passar cheques sem fundo e, depois, atormentá-lo até ele se tornar um criminoso violento. Eu não queria que essas pessoas fossem capazes de me mudar, que tocassem meu âmagô e me deixassem tão podre e estagnado quanto elas mesmas. Experimentei quase todas as práticas religiosas e exercícios de meditação que pudessem me ajudar a permanecer são ao longo dos anos.

Perdi a conta de quantas execuções aconteceram durante o tempo em que cumpri pena. Creio que foi algo entre 25 e trinta. Eu conhecia bem e tinha intimidade com alguns daqueles homens. Outros, eu mal suportava. Mesmo assim, não fiquei feliz em ver nenhum deles tomar aquele rumo.

Muitas pessoas apoiaram a causa de Ju San, implorando ao Estado que poupasse sua vida, mas, no final, de nada adiantou. Ele havia cometido um crime particularmente hediondo. Frankie Parker era um viciado em heroína violento que matou os ex-sogros e manteve a ex-mulher como refém em uma delegacia no Arkansas. Com o passar dos anos, tornou-se Ju San, um sacerdote zen-budista rinzai com muitos amigos e defensores. Na noite de sua execução em 1996, logo após ter sido declarado morto, seu mestre e

conselheiro espiritual recebeu autorização para entrar no Corredor da Morte e cumprimentar os condenados. Foi a primeira vez que se permitiu a entrada de um conselheiro espiritual para falar com detentos depois de uma execução. Ele nos contou quais tinham sido as últimas palavras de Frankie, o que ele havia comido na última refeição e como ocorrera a execução.

Eu estava assistindo à cobertura jornalística da morte de Ju San quando alguém parou diante de minha porta. Virei-me e vi um velho pequeno e careca de manto preto e sandálias que segurava uma espécie de rosário. Tinha sobrancelhas brancas tão desgrenhadas que lembravam pequenos chifres; eram quase como bigodes enormes acima dos olhos. Parecia intenso e concentrado quando se apresentou. Muitos pastores protestantes passam pelo Corredor da Morte, mas todos parecem se achar melhores do que nós. Dava para notar pelo modo como a maioria deles nem sequer se dava ao trabalho de apertar nossas mãos. Kobutsu não era assim. Estabeleceu um contato visual direto e firme e parecia realmente feliz em me conhecer. Fazer todo o possível para ajudar Ju San havia sido sua missão pessoal, e ele estava muito abalado com a execução. Antes de ir embora, me disse para lhe escrever sempre que eu quisesse. Aceitei a oferta.

Começamos a nos corresponder e, por fim, pedi-lhe que se tornasse meu mestre. Ele aceitou. Kobutsu é um paradoxo: um monge zen que fuma um cigarro atrás do outro, conta piadas quase pornográficas e sempre olha de soslaio e com apreço para a anatomia feminina. É homem santo, apresentador de circo, anarquista, artista, amigo e babaca, tudo envolto por um manto. Gostei dele logo de cara.

Kobutsu me mandava livros sobre os velhos mestres zen e as diferentes práticas budistas, bem como pequenos cartões para fazer santuários. Ele voltou pouco depois da execução de Ju San para realizar uma cerimônia de refúgio para outro detento do Corredor da Morte, da qual pude participar. O refúgio é o equivalente budista do batismo. É como declarar perante o

mundo sua intenção de seguir aquele caminho. Foi um lindo ritual, que despertou algo em meu coração.

Sob a tutela de Kobutsu, comecei a fazer meditação zazen diariamente. A meditação zazen requer que a pessoa fique sentada em silêncio e se concentre apenas na própria respiração, inspirando e expirando. De início, era uma agonia ter que ficar sentado imóvel e olhar para o chão durante quinze minutos. Com o passar do tempo, fui me acostumando e consegui aumentar as sessões para vinte minutos ao dia. Deixei de lado todo material de leitura que não fossem textos zen e manuais de meditação. Não li outra coisa nos três anos seguintes.

Cerca de seis meses após a cerimônia de refúgio do outro detento, Kobutsu voltou para realizar a minha. A magia contida nesse ritual decuplicou minha determinação. Eu começava cada dia com um sorriso no rosto, nem mesmo os guardas me afetavam. Acho que era um pouco inquietante para eles despir e revistar um homem que permanecia sorrindo durante todo aquele suplício.

Kobutsu e eu continuamos a nos corresponder e nos falar ao telefone. As conversas com ele eram uma mistura de incentivo, ensinamentos, piadas sujas e relatos bizarros de suas últimas aventuras. Através da prática diária, minha vida definitivamente foi melhorando. Até construí um pequeno santuário de Budas de papel na minha cela para me dar inspiração. Eu já fazia meditação zazen durante duas horas por dia e me esforçava cada vez mais, mas ainda não havia vivenciado aquela fugidia experiência de iluminação de que tanto se falava e que eu desejava de forma tão desesperada.

Um ano após minha cerimônia de refúgio, Kobutsu decidiu que estava na hora do Jukai. Jukai é a ordenação leiga na qual uma pessoa começa a fazer seus votos. Também é o momento em que ganhamos um novo nome, simbolizando o início de uma nova vida e o abandono da antiga. Só o mestre pode decidir quando estamos prontos para receber o Jukai.

Minha cerimônia seria realizada por Shodo Harada Roshi, um dos maiores mestres zen vivos em todo o mundo. Ele era o abade de um belíssimo templo no Japão e viajaria de avião até o Arkansas só para aquele evento. Semanas antes, minha expectativa já era tamanha que eu tinha dificuldade para dormir à noite. Na manhã do grande dia, antes de o sol nascer eu estava acordado, raspando a cabeça e me preparando para encontrar o mestre.

Kobutsu foi o primeiro a entrar pela porta. Eu podia ver a luz refletida em sua cabeça rosada, recém-raspada. Também notei que ele havia abandonado as tradicionais sandálias japonesas e calçava um par de All Star de cano longo. Era estranho ver um par de tênis aparecendo por baixo da bainha do manto de um monge. Atrás dele, estava Harada Roshi. Trajava um manto semelhante ao de Kobutsu, só que imaculado. Ocasionalmente, manchas de mostarda apareciam nas vestes de Kobutsu, e ele não parecia dar a mínima para isso.

Harada Roshi era pequeno e magro, mas tinha uma presença muito imponente. Apesar do sorriso caloroso, havia algo nele que lembrava uma formalidade quase militar. Acho que a primeira palavra que me veio à mente ao vê-lo foi “disciplina”. Ele parecia ter uma disciplina inalcançável para qualquer ser humano, o que me inspirou imensamente. Até hoje ainda me esforço para ser tão disciplinado quanto Harada Roshi. Por baixo de sua simpatia e gentileza, havia uma vontade sólida como aço.

Fomos todos levados até um aposento mínimo que servia como capela no Corredor da Morte. Harada Roshi falou da diferença entre o Japão e os Estados Unidos, do templo em seu país natal e do baixo número de asiáticos que o frequentavam ultimamente em busca de aprendizado — as pessoas que queriam aprender eram em sua maioria americanas. Sua voz era baixa, rouca e rápida. Em geral o japonês não é descrito como um idioma bonito, mas fiquei enfeitado. Desejei intensamente ser capaz de pronunciar palavras tão poéticas e elegantes.

Harada Roshi armou um pequeno altar para realizar a cerimônia. Sobre o mantel de seda branca, havia uma pequena estátua de Buda, uma tela coberta de caligrafia e um incensório. Todos nós jogamos uma pitada do incenso de aroma exótico no incensório como oferenda e, em seguida, abrimos nossos livros de sutras para iniciar os cânticos adequados. Kobutsu precisou me ajudar a virar as páginas do meu livro, pois os guardas me obrigaram a ficar com mãos e pés acorrentados. Durante a cerimônia, recebi o nome Koson. Eu amava aquele nome e tudo que ele simbolizava, e o rabiscava por toda parte. Também ganhei de presente o meu *rakusu*.

Um *rakusu* é feito de tecido preto e fica pendurado no pescoço. Ele cobre seu *hara*, o centro energético situado dois dedos abaixo do umbigo. O *rakusu* tem duas faixas de tecido preto e um anel/fivela de madeira. É costurado formando um padrão parecido com o de um arrozal visto de cima. Representa o manto de Buda. Era a única peça do meu manto que a administração me permitia manter dentro da prisão. Na parte interna, Harada Roshi havia pintado, com uma bela letra, palavras que diziam: “Grande esforço, sem falhas, traz grande luz.” Aquela era meu pertence mais importante até o dia em que os guardas da prisão o tiraram de mim, anos mais tarde.

A tela do altar também me foi dada de presente. A caligrafia ali desenhada significava: “Raios de luar alcançam até o fundo dos lagos; todavia, na água, não sobra nem um rastro.” Orgulhoso, coloquei-a à mostra na minha cela.

Aventurei-me pelo reino do zen para entender de alguma forma meus estados emocionais negativos, que eu havia aprendido a controlar em grande parte; mas agora encarava a prática com uma postura muito mais agressiva. Como um halterofilista, continuei a aumentar a carga. Nos fins de semana, fazia meditação zazen por cinco horas diárias. Estava sempre com o rosário na mão e entoava mantras constantemente. Praticava

hatha ioga durante uma hora por dia no mínimo. Tornei-me vegetariano. Ainda assim, não tive uma experiência *kensho* transformadora. *Kensho* é um momento no qual enxergamos a realidade com uma visão cristalina, o que muitas pessoas chamam de “iluminação”. Eu não verbalizava meus pensamentos, mas estava começando a ter fortes suspeitas de que o *kensho* não passava de um mito.

Um mestre de budismo tibetano começou a ir à prisão uma vez por semana para ensinar a quem estivesse interessado. Frequentei aquelas sessões, concebidas especificamente para serem úteis a quem estava no Corredor da Morte. Uma prática que eu e outros detentos aprendemos se chama *Phowa*. Consiste em empurrar sua energia para fora pelo topo da cabeça no momento da morte. Contudo, isso não provocou o momento transformador que eu buscava.